

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE FORJADAS NA/COM AS REDES SOCIAIS DIGITAIS DA SEÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO DO MUSEU NACIONAL (SAE/MN)

Frieda Maria Marti¹

Resumo

O distanciamento físico e social gerada pela pandemia de COVID-19 causou o fechamento da maioria dos museus (94,7%). Estes voltaram sua atenção para as tecnologias digitais em rede (TDR) para manterem contato com seus públicos. A pandemia desvelou a difícil realidade enfrentada pelos profissionais da Educação Museal no Brasil e no resto do mundo, provocando debates locais e internacionais sobre profissionalização, demissões e formação. Diante da importância do campo e de seus profissionais para garantir o cumprimento da função social dos museus e dos desafios emergentes relacionados à formação dos educadores museais frente ao cenário sociotécnico contemporâneo, temos como objetivo narrar e discutir algumas práticas de Educação Museal Online (EMO) forjadas na/com as redes sociais da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE/MN) e seus praticantes seguidores desde 2018. As práticas narradas têm como intencionalidade central fomentar a participação ativa dos praticantes seguidores das/nas redes da SAE. A variedade de usos de diferentes linguagens, mídias e formatos característicos da cibercultura, evidenciou as potencialidades comunicacionais das tecnologias digitais em rede (TDR) como meio para acionar a participação ativa dos praticantes seguidores em ambiências conversacionais interativas que geraram o compartilhamento de emoções, a partilha e a produção coletiva e coautoral de *'conhecimentossignificações'* em rede. As práticas de EMO aqui narradas e discutidas representam o alinhamento dos *'fazeressaberes'* da Educação Museal ao contexto sociotécnico e comunicacional contemporâneo, isto é, à cibercultura.

Palavras-chave: Educação museal online; Educação museal; Cibercultura; Pandemia COVID-19; Formação de educadores museais.

¹ Doutora em Educação (PROPED/UERJ); Educadora Museal e Bolsista PCI-DB da Coordenação de Educação do Museu de Astronomia e Ciências Afins (COEDU/MAST); Professora Colaboradora da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE/MN); Pesquisadora GPDOP/UFRRJ. ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-7028-5062>. E-mail: friemc@gmail.com.

ONLINE MUSEUM EDUCATION PRACTICES DEVELOPED WITH/FOR THE DIGITAL SOCIAL NETWORKS USED BY THE EDUCATIONAL SECTOR OF THE NATIONAL MUSEUM (SAE/MN)

Abstract

The physical and social distancing measures taken due to the COVID-19 pandemic caused the closure of most museums (94.7%). These turned their attention to the digital network technologies (TDR) to keep in touch with their audiences. The pandemic unveiled the difficult reality faced by Museal Education professionals in Brazil and the rest of the world, causing local and international debates on professionalization, dismissals and training. Given the importance of the field and its professionals to ensure the fulfillment of the social function of museums and the emerging challenges related to the training of museum educators in the contemporary socio-technical scenario, we aim to narrate and discuss some Online Museum Education practices developed, since 2018, with/for the social networks used by the Educational Sector of the National Museum (SAE/MN) and its followers since 2018. The narrated practices have the main intention to encourage the active participation of practitioners who are followers of the SAE social networks. The variety of uses of different languages, media and formats that are characteristic of cyberculture highlighted the communicational potential of the TDR to trigger the active participation of the followers in interactive conversational environments that generated the sharing of emotions, and the sharing and production of collective and co-authored of 'knowledge-meanings'. These practices represent the alignment of the 'doings' of Museum Education to the contemporary sociotechnical and communicational context, that is, to cyberculture.

Keywords: Online museum education; Museum education; Cyberculture; COVID-19 pandemic; Museum educator training.

EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE REALIZADAS EN LAS REDES SOCIALES DE DIGITALES DEL SECTOR DE ASISTENCIA A LA ENSEÑANZA DEL MUSEO NACIONAL

Resumen

El distanciamiento físico y social generado por la pandemia del COVID-19 causó el cierre de la mayoría de los museos (94,7%) en Brasil y gran parte del mundo. Como consecuencia de este hecho, muchos museos utilizaron las tecnologías digitales en red para mantener el contacto con sus públicos. La pandemia reveló la difícil realidad enfrentada por los profesionales de la Educación Museal en Brasil y en el resto del mundo, provocando debates locales e internacionales sobre la profesionalización, dimisión y formación. Frente a la importancia del campo y de sus profesionales para garantizar el cumplimiento de la función social de los museos, y los desafíos que surgieron relacionados a la formación de los educadores de los museos frente al escenario socio-técnico contemporáneo, el objetivo principal del artículo es presentar algunas experiencias prácticas de Educación Museal *Online* (EMO) realizadas en las redes sociales de lo Sector de Asistencia a la Enseñanza del Museo Nacional, (SAE/MN/Brasil) y sus practicantes seguidores desde 2018. Las experiencias narradas buscan fomentar la participación activa de los practicantes seguidores de las redes de la SAE. La variedad de usos de los diferentes lenguajes, medios y formatos característicos de la cibercultura, evidenció la potencia de las comunicaciones con las tecnologías digitales en red como medio para accionar la participación activa de los practicantes y seguidores en ambientes de conversación interactiva que generen el intercambio de sentidos y emociones, la producción colectiva y coautoral de “conocimientos-significados” tejidos en la red.

Palabras clave: Educación Museal Online; Educación en museos; Cibercultura; pandemia de COVID-19; Formación de educadores de museos

INTRODUÇÃO

A crise sanitária gerada pela pandemia de COVID-19 vem afetando os campos econômicos, políticos e sociais, causando expressivas mudanças em nossas vidas, tanto no que tange às nossas experiências familiares, laborais, quanto em relação à educação, cultura e lazer.

A implementação de ações de distanciamento físico e social, consideradas como uma das medidas mais eficientes ao combate ao vírus, foi recomendada pela OMS a fim de evitar a propagação da doença. Tal medida causou o fechamento da maioria dos equipamentos culturais, atingindo diretamente o turismo e colocando as comunidades locais e algumas categorias profissionais em situação preocupante (ICOM, 2020; UNESCO, 2020). Os dados de pesquisa do ICOM (2020), realizada no primeiro ano da pandemia, revelaram o grande impacto causado no setor museal, apontando o fechamento de quase todos os museus pesquisados (94,7%), e a possibilidade de cerca de 13% dessas instituições não reabrirem na pós-pandemia.

Em face desse novo cenário, os museus voltaram sua atenção para as tecnologias digitais em rede (TDR) a fim de manterem contato com seus públicos. O relatório do ICOM (2020) revela que, após o *lockdown*, as ações de comunicação online aumentaram em pelo menos 15% dos museus pesquisados, apesar de que mais da metade destes já estavam presentes nas redes antes da pandemia. De uma forma geral, a presença e as ações de comunicação online dos museus vêm ocorrendo por meio de *tours* virtuais, exposições online, websites, *podcasts*, *lives* (reuniões, palestras e ações de mediação museal), coleções digitalizadas (repositórios online), *newsletters*, canais no YouTube etc. Dentre as ações de comunicação, destacam-se as nas redes sociais que foram ampliadas em quase 50% dos museus pesquisados (ICOM, 2020).

No que tange à Educação Museal, a pandemia desvelou os muitos desafios do campo, incluindo a difícil realidade enfrentada por seus profissionais no Brasil e no resto do mundo, provocando debates locais e internacionais sobre profissionalização, demissões e formação (CECA BR e REM BR, 2020; ICOM, 2020; IBERMUSEUS, 2020; MARTI e COSTA, 2020; MÖRSCH e GRAHAM, 2020).

Em carta aberta aos educadores museais brasileiros, o Comitê para Educação e Ação Cultural (CECA BR) do Conselho Internacional de Museus do Brasil (ICOM BR) e a Rede de Educadores em Museus do Brasil (REM BR) ressaltaram a precária condição da Educação Museal e dos vínculos trabalhistas de seus profissionais, assinalando os problemas e desafios relativos à demanda

para realização de atividades online pelos educadores museais durante a pandemia (CECA BR e REM BR, 2020).

[...] a crise econômica e sanitária originada pela Pandemia de Covid-19 no Brasil apenas reedita uma realidade que esses profissionais já vivenciam em sua carreira profissional.

Os debates que originaram os princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal já apontavam para a falta de reconhecimento da função educativa dos museus e para a desvalorização de seus educadores, em instituições públicas e privadas, reforçada pela prática histórica de relações precarizadas de trabalho, com fracos vínculos empregatícios e apresentando grande rotatividade e instabilidade profissional.

Outro fator que pode ser observado durante a Pandemia que decorre da precarização da educação museal e seus vínculos profissionais é a demanda pela execução de trabalhos digitais/online para cuja realização os educadores não possuem formação adequada, acesso a recursos, como computadores, internet, programas aplicativos e cujos conteúdos e metodologias não necessariamente são de finalidade pedagógica. (CECA BR; REM BR, 2020, p.2)

Considerando os desafios relacionados à formação dos educadores museais frente às demandas de realização de ações museais online, Marti e Costa (2020) chamam a atenção para a necessidade de se compreender o cenário sociotécnico, comunicacional e educacional contemporâneo em que os museus estão imersos.

Diante da importância dos setores educativos e de seus profissionais para assegurar as diferentes formas de inclusão e de valorização dos direitos humanos pelos museus, garantindo assim o cumprimento de sua função social (Marandino e Costa, 2020), e dos desafios emergentes relacionados à formação dos educadores museais frente ao cenário sociotécnico contemporâneo desvelado pela pandemia, temos como objetivo apresentar e narrar algumas práticas de Educação Museal Online (EMO) que vêm sendo forjadas na/com as redes sociais da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE/MN) e seus públicos seguidores (praticantes culturais²) desde 2018.

² Praticantes culturais ou 'praticantes', termo concebido por Certeau (2014), é referente àqueles que vivem e se envolvem dialogicamente com as práticas do cotidiano. Para o autor, quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento, tem início o enfoque da cultura.

O presente artigo se baseia nos resultados de pesquisa de Doutorado em Educação realizada pela autora junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ) e defendida em abril de 2021. A pesquisa teve como campo a Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, suas redes sociais digitais Facebook e Instagram, seus educadores e públicos diversos. Procurou compreender a Educação Museal na/com a cibercultura, dialogando com as bases teóricas-epistemológicas e metodológicas da Ciberpesquisa-formação (SANTOS, E., 2014, 2019), das Pesquisas com os Cotidianos (ALVES, 2008) e da Multirreferencialidade (Ardoino, 1998).

Acreditamos que o compartilhamento de nossas experiências pré-pandêmicas com o *'fazerpensar'*³ ações educativas museais online no/com o Facebook e Instagram pode oferecer contribuições para a formação de educadores museais no que tange à compreensão sobre o contexto sociotécnico contemporâneo e sua relação com a Educação Museal. Para tal, trazemos, a seguir, uma breve discussão acerca do contexto sociotécnico contemporâneo e da Educação Museal Online, noção e abordagem didático-pedagógica forjada na/com a supracitada pesquisa de doutorado.

CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE (EMO)

A emergência de outras formas de sociabilidade juntamente com a convergência entre a informática e as telecomunicações iniciadas a partir da década de 1970 geraram relações e transformações comunicacionais,

³ De acordo com Alves (2003, p.2) “a escrita conjunta desses termos, tem, também a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como pares, mas opondo-se entre si.” Segundo Alves (2019) a dicotomia está na origem e construção da Ciência Moderna. Porém, para aqueles que pesquisam nos/com os cotidianos ela impõe limites ao que é necessário ser criado para compreensão da tessitura de *'conhecimentossignificações'* que emergem nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam. Portanto, a autora prefere escrever as palavras juntas, em itálico e entre aspas simples, mostrando, dessa forma, os limites e modos hegemônicos dessa herança de pensar e escrever, e indicando outros modos de *'praticasteorias'*.

sociotécnicas, econômicas e culturais peculiares, a que Levy (1999) nomeou de Sociedade da Informação e Castells (2016) designou como sociedade em rede.

Essas novas formas de comunicação emergentes no ciberespaço vêm transformando as relações entre a técnica e a vida social e produzindo novas linguagens, signos e novos modos de ser, estar e sentir (n)o mundo, a que nomeamos de cibercultura. A cibercultura é a cultura contemporânea mediada e estruturada pelas tecnologias digitais em rede na esfera cidade e ciberespaço, e que atualmente se caracteriza como móvel e ubíqua. Essas formas de acesso à internet, a mobilidade e a ubiquidade, não só mudaram a nossa relação com o ciberespaço, mas também vêm modificando a nossa relação com os espaços urbanos e, esses com o ciberespaço (SANTOS, E., 2014). Esses novos arranjos ‘*espaçotemporais*’ e comunicacionais emergentes vêm desafiando o paradigma comunicacional massivo hegemônico, engendrando novos ‘*espaçostempos*’ de ‘*aprendizagemensino*’ e ‘*conhecimentossignificações*’, potencializando novos ‘*fazeressaberes*’ educativos em interatividade.

A interatividade é aqui compreendida como um fenômeno da comunicação na cibercultura, uma vez que na contemporaneidade

O emissor não transmite mais no sentido que se entende habitualmente. Ele não dispara mais uma mensagem fechada no modelo *um-todos*; ao contrário, oferece um leque de dados associados a possibilidades de manipulações no modelo *todos-todos*. O receptor não está mais em posição de audiência de massa, uma vez que a Internet não é mídia de massa. Portanto, a mensagem só toma todo o seu significado sob a sua intervenção personalizada. Enquanto *teleintrainterante*, o receptor torna-se autor da comunicação e da aprendizagem. Por sua vez, a mensagem aberta à manipulação, à operatividade, pode ser recomposta, reorganizada, modificada em permanência sob o impacto cruzado das intervenções do sujeito e dos algoritmos do sistema digital, perdendo assim o estatuto de mensagem transmitida. (SILVA, 2003, p. 53, grifos do autor)

Como lugares de memórias e de esquecimentos, de patrimônio, de cultura, arte e ciência, os museus são espaços de interações sociais, de exposição, conservação e catalogação de artefatos culturais, constituindo, portanto, importantes espaços/instrumentos de democratização e de popularização do patrimônio cultural e natural, assim como de formação do

cidadão e de desenvolvimento das comunidades nas quais estão inseridos. São também lugares em que experiências de ‘*aprendizagemensino*’ e de ‘*ensinoaprendizagem*’ sempre foram vivenciadas e praticadas de formas diversas. Essas práticas, por sua vez, vêm sendo influenciadas pelos contextos históricos e sociopolíticos experienciados por essas instituições e seus praticantes desde o seu surgimento. Desta forma, entendemos que tanto os museus, quanto o campo da Educação Museal estão inseridos no cenário sociotécnico contemporâneo (cibercultura) e, portanto, requer de nós, educadores museais, a compreensão sobre como esses novos arranjos ‘*espaçotemporais*’ ciberculturais, forjados a partir das múltiplas relações e vínculos que estabelecemos com o digital em rede, podem oferecer e potencializar novos/outros ‘*fazeressaberes*’ educativos museais.

A Educação Museal Online emerge, desta forma, como noção e abordagem didático-pedagógica da Educação Museal na/com a cibercultura. Pressupõe, em primeira mão, a compreensão dos museus e de suas redes sociais digitais, ou outras presentificações online, como redes educativas⁴ e espaços multirreferenciais de aprendizagem⁵ em que o diálogo - as conversas - com/entre os praticantes culturais (os públicos e públicos não habituais) está na centralidade de suas ações educativas. Essas ambiências conversacionais são fomentadas pela mediação museal online que aciona e promove a criação e a socialização de conhecimentos, aprendizagens, sentimentos, emoções, inquietações, invenções em interatividade e em um ambiente em que múltiplas

⁴ A noção de redes educativas é cunhada a partir dos esforços de Alves (2002, 2008, 2019) em compreender produção/criação de conhecimentos para além da compreensão hegemônica da ciência moderna que estabelece uma produção de conhecimento linear, hierarquizada e fundada em disciplinas teóricas em detrimento das práticas. De acordo com a autora, habitamos diversas redes de ‘*conhecimentossignificações*’ (redes educativas) onde ensinamos e aprendemos, formamos e nos formamos um com o outro, como docentes, “cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos” (ALVES, 2019, p.115). Essas redes educativas, que têm um desenvolvimento rizomático (Deleuze e Guattari, 1995) “são *espaçotempos* de reprodução, transmissão e criação de *prácticasteorias* que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos, dependendo da ocasião, do lugar, dos *praticantespensantes* envolvidos e das ações que desenvolvem, do acaso... Todos nós, nesses diferentes *espaçotempos*, somos ‘*marcados*’ pelas relações que mantemos com muitos outros *praticantespensantes* em múltiplos e complexos mundos culturais”. (ALVES, 2019, p.115)

⁵ Santos, E. (2010, p. 34) afirma que “os espaços multirreferenciais são todos os espaços onde seres humanos ensinam e aprendem, onde tecem a autoria de suas produções e têm autonomia coletiva para compreender o significado de sua participação na sociedade”.

relações (intelectuais, cognitivas, psicossociais, culturais, históricas etc.) são tecidas em horizontalidade. As tecnologias digitais em rede (TDR) se inserem nesse contexto como meio e interfaces culturais que potencializam essas criações e trocas que se presentificam e são representadas em textos, imagens e sons (MARTI, 2021).

É importante ressaltar que a Educação Museal Online não se restringe apenas ao *'fazerpensar'* ações educativas com públicos geograficamente dispersos. Marti, Costa e Miranda (2019) narram e discutem, por exemplo, uma ação de Educação Museal Online que fez uso da criação de memes durante um dos encontros presenciais do projeto "Clube de Jovens Cientistas" da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ.

Portanto, a centralidade da noção e abordagem didático-pedagógica da EMO está em lançar mão das potencialidades comunicacionais das TDR para gerar ações educativas museais em interatividade, forjadas pela mediação museal online, fomentando, assim, a troca e a produção de múltiplos *'conhecimentossignificações'* entre os educadores museais e seus públicos. Essas ambiências conversacionais e espaços relacionais de emergências de criações e de produção e de socialização coletiva e coautorial de conhecimentos, significações e emoções podem ocorrer tanto em situações geograficamente localizadas quanto à distância.

Considerando a íntima relação entre razão e emoção e a sua indissociabilidade na constituição humana (Maturana, 1998; Bruno, 2002), a emoção também foi identificada como um importante elemento nos/dos *'fazeressaberes'* da Educação Museal Online no que tange ao estabelecimento e/ou estreitamento de vínculos afetivos e de relações conversacionais forjadas pelas e mediadas nas ações educativas museais online da SAE com os praticantes das redes. As emoções, seus acionamentos e compartilhamentos, são importantes elementos tanto no que diz respeito ao estímulo à conversação/interatividade quanto às possibilidades de melhor conhecer os modos de ser, estar e sentir o mundo desses praticantes, para assim *'fazerpensar'* ações educativas museais online em sintonia com os seus cotidianos (MARTI, 2020; 2021).

Desde a sua criação, em 1927, a Seção de Assistência ao Ensino Museu Nacional (SAE/MN) cumpriu funções e atividades diversas sob direções e chefias distintas e com objetivos institucionais variados, exercendo importante papel no que tange a educação, formação, divulgação e popularização da ciência em museus de ciências.

Com relação ao digital em rede, o setor já se presentificava nas redes desde 2012 por meio do seu blog⁶ que inaugurou sua presença nas redes sociais. Em 2014 e 2015 foram criadas as páginas da SAE no Facebook no Instagram em sequência.

Entretanto, foi possível notar que os usos do Facebook e do Instagram da/pela SAE estavam alinhados aos usos que outros museus e equipamentos culturais brasileiros e internacionais vinham fazendo das redes sociais digitais que habitavam: como plataformas em rede para comunicação/divulgação de informações sobre seus acervos, eventos e atividades culturais de/em seus espaços geograficamente localizados. Tal perspectiva de uso reproduz o paradigma comunicacional hegemônico massivo, desconsiderando que na cibercultura, a liberação do polo de emissão rompeu com o paradigma unidirecional da comunicação, abrindo espaço para a interatividade (SILVA, 2003) e que os artefatos culturais da contemporaneidade (as TDR móveis e ubíquas) constituem importantes meios para fomentar a produção, a cocriação e o compartilhamento de conhecimentos em rede, modificando as formas como os praticantes culturais se percebem e apreendem com/no mundo (SANTOS; RIBEIRO; CARVALHO, 2019).

Sendo assim, considerando o contexto sociotécnico, comunicacional e educacional contemporâneo, a SAE, a partir de nossa inserção no setor, começou a lançar mão de suas redes sociais como '*espaçostempos*' educativos, tomando a promoção de ambiências conversacionais em interatividade e o acionamento

⁶ <https://sae.museunacional.ufrj.br/>

de emoções como a centralidade de seus ‘fazeressaberes’. Apresentamos e narramos a seguir algumas práticas de Educação Museal Online forjadas a partir desses pressupostos e intencionalidades.

AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE NA/COM AS REDES DA SAE

A Educação Museal como campo científico, profissional e político em construção, e conceito histórico e teoricamente referenciado, tem como referência a Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Seu conjunto de princípios e diretrizes objetivam orientar “a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os espaços do museu e subsidiar a atuação dos educadores” (IBRAM, 2021, p.1).

Na Educação Museal, a formação crítica e integral do indivíduo é compreendida como principal objetivo que, por sua vez, possibilitaria a sua emancipação e atuação consciente e transformadora na sociedade (COSTA, et al., 2018). Nestes processos formativos se inscrevem o estabelecimento de uma

relação dialógica entre educadores e educandos, que pressupõem etapas de planejamento e avaliação, que envolve uma multiplicidade de atividades, voltadas para públicos tão diversos quanto à sociedade e que deve ser realizada por profissionais com formação adequada, relações de trabalho estáveis, que promovam legados institucionais e atuem no sentido de promover uma educação crítica e transformadora. (TOLENTINO; CASTRO, 2020, p. 244)

Essa relação dialógica apontada pelos autores também é considerada por Alves et al. (2016) como importante elemento das atividades cotidianas

Porque todos os momentos de viver são cotidianos e neles formamos redes que nos formam nas nossas relações, quer em nossos *espaçostempos* escolares, quer nos *espaçostempos* das ciências, seus *praticantespensantes* têm nas “conversas” momentos permanentes de ser humano. (p. 27)

E Paulo Freire há tempos já nos ensinou sobre a centralidade e importância do estabelecimento de relações dialógicas/conversacionais nas situações de aprendizagens e de formação do sujeito, uma vez que

não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra elas*. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2019, p. 95-96, grifos do autor)

Desta forma, e como já mencionado anteriormente, as práticas de Educação Museal Online, narradas e discutidas a seguir, têm em sua centralidade forjar ambiências conversacionais/dialógicas que lançam mão do digital em rede e de suas potencialidades comunicacionais.

“Vamos conversar?!”

As primeiras práticas de Educação Museal Online no Instagram e Facebook da SAE foram nomeadas “Vamos Conversar?!”. Nessas primeiras experiências conversacionais foram criadas publicações que lançavam mão dos objetos das exposições do Museu Nacional com o objetivo de engendrar a emergência de múltiplas referências e sentidos em uma produção coletiva de conhecimentos. Basicamente, esse tipo de publicação contava com o uso de fotografias dos objetos do museu associados a uma pergunta disparadora que tinha como objetivo convocar a partilha de ‘*conhecimentossignificações*’ dos seguidores sobre o tema tratado (Figura 1).

Figura 1- Exemplo de um dispositivo “Vamos Conversar?” usando objeto museal e pergunta disparadora



Fonte: Instagram SAE

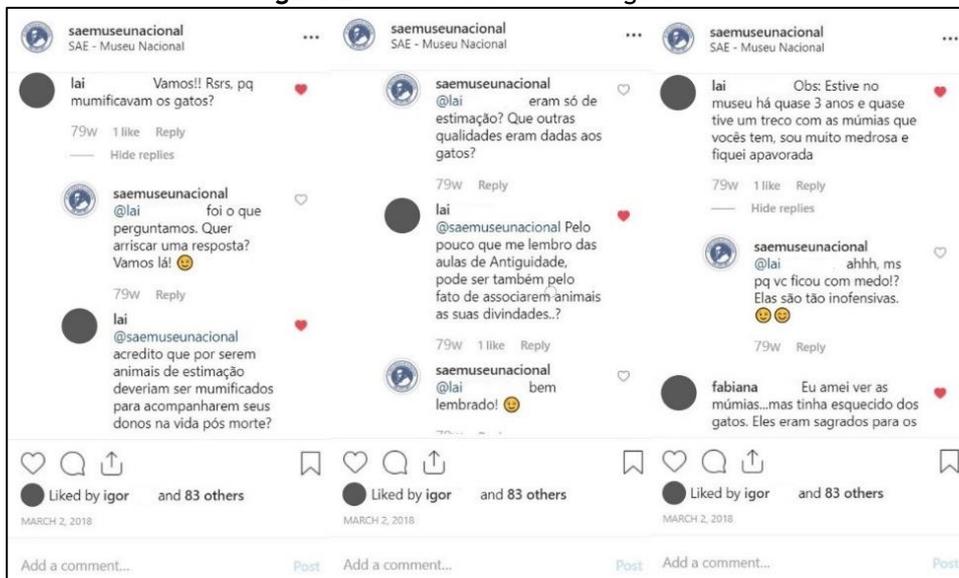
Inicialmente sabíamos que essa partilha e produção dialógica e polifônica entre os seguidores das redes sociais da SAE não iria emergir espontaneamente, uma vez que o modelo comunicacional vigente, massivo e unidirecional, situava os públicos seguidores como receptores das informações ali disponibilizadas. Desta forma, inspirados nos fundamentos da Educação Online (Santos, 2005, 2014, 2019), lançamos mão de atos de mediação partilhada online, que se tornou a base fundante da mediação museal online, para promover a emergência de conversas em interatividade e a esperada produção coletiva de conhecimento sobre o tema em questão.

Segundo Carvalho (2015, p. 45),

Na mediação partilhada, o docente cria junto aos praticantes processos comunicacionais (relação todos-todos), devendo incentivar a participação de todos, articular o diálogo entre os praticantes, trazer outras fontes de informação sobre o que se está sendo discutido, abrir conversas para outras discussões e permitir que os praticantes criem discussões entre si. Nesse sentido, o docente deve respeitar a autonomia do educando e seus saberes, e considerar que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim estabelecer uma relação dialógica.

Ainda que inicialmente tímida, as primeiras publicações do “Vamos Conversar?” nas redes da SAE geraram a participação ativa (em interatividade) de seguidores que interagem conosco nos comentários mediados (Figura 2).

Figura 2 - Conversas com os seguidores



Fonte: Instagram da SAE

Além do uso dos objetos museais, ao longo de nossa ‘*prácticapesquisa*’ fomos notando a importância do uso de rastros de situações cotidianas, que se materializam em narrativas, imagens e sons, como possibilidade estabelecer diálogos entre o conhecimento científico e as outras formas de conhecimento, além de gerar aproximações e criar vínculos afetivos entre a instituição museu e os praticantes seguidores das redes da SAE.

Por isso, lançamos mão de eventos, celebrações populares, datas comemorativas/feriados nacionais e internacionais e/ou notícias jornalísticas como temas disparadores de conversas nas ações “Vamos Conversar?!”. Como exemplo trazemos a publicação realizada em agosto de 2018, mês que simboliza a luta e campanha em prol do aleitamento materno, que tinha como objetivo conversar sobre a amamentação das baleias (Figura 3). Esta ação gerou a participação de muitos seguidores que conversaram sobre como as baleias amamentam dentro d’água a partir do compartilhamento de seus conhecimentos prévios sobre o tema.

Figura 3 - Publicação sobre a amamentação das baleias no mês do aleitamento materno



Fonte: Facebook da SAE

Como fechamento destas ações educativas museais online, os múltiplos ‘conhecimentossignificações’ partilhados pelos praticantes seguidores eram organizados em um comentário final, que também incluía informações adicionais pertinentes ao tema, oferecendo, assim, novos caminhos conversacionais, caso outros seguidores desejassem participar futuramente (Figura 4).

Figura 4 - Fechamento de uma ação educativa museal online “Vamos Conversar”



Fonte: Instagram da SAE

Mememes

Uma outra prática de Educação Museal Online que gerou muitas ambiências conversacionais foram as publicações que lançavam mão de mememes.

Na cibercultura, o termo meme da internet ou mememes digitais é utilizado para descrever a dispersão viral na internet de conteúdos intertextuais, remixados e reutilizados, como piadas, imagens, websites, áudio, frases repetidas etc. que são disponibilizados pelos praticantes culturais, expressando a sua autoria e cotidiano em tom humorístico, podendo também incluir críticas sociais, políticas e culturais (MARTI; COSTA; MIRANDA, 2019, p. 95)

O meme é um fenômeno da cibercultura e, portanto, faz parte dos nossos cotidianos nas/com as múltiplas redes que habitamos. Sendo assim, as práticas educativas museais online que lançarem mão de suas potencialidades comunicacionais, como por exemplo, a multimodalidade, a viralização e o humor, podem tornar a conversa sobre o tema abordado algo mais familiar e interessante para os praticantes seguidores. O meme, como um importante fenômeno e gênero textual característico da cibercultura, foi nos apresentando múltiplas possibilidades de usos para fomentar essas conversas e aproximações com nossos praticantes seguidores, como exemplificado na figura 5, que mostra

exemplos de memes criados por nós e utilizados como disparadores de ambiências conversacionais sobre algumas das áreas de produção do conhecimento científico no/do/com o Museu Nacional.

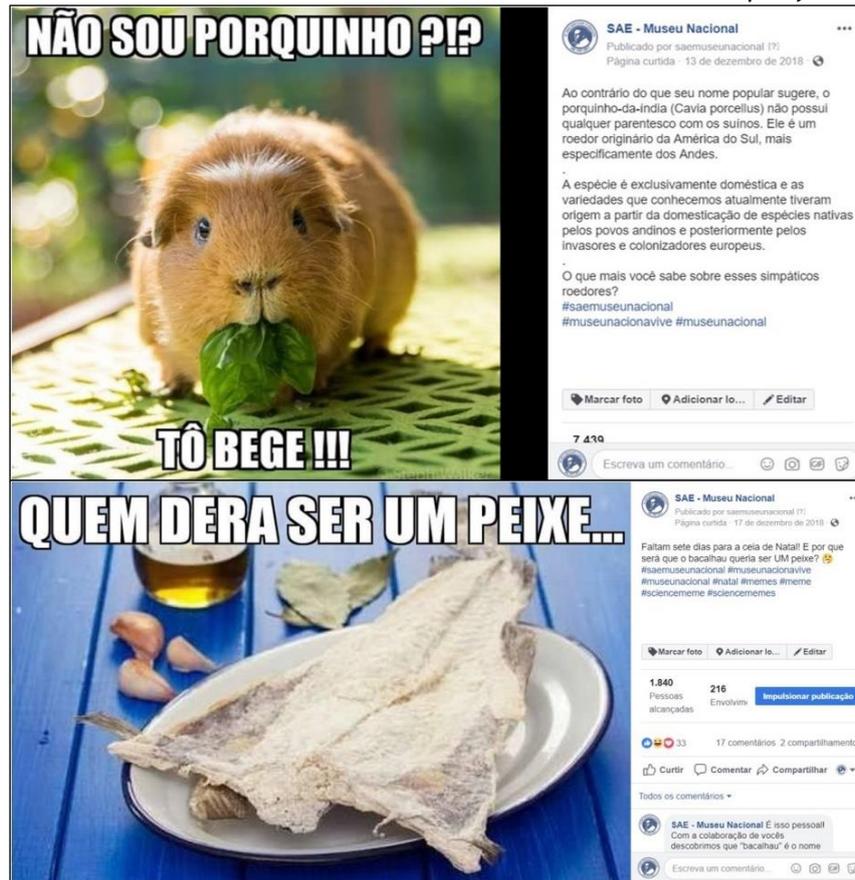
Figura 5 - Exemplos de memes criados pela SAE para gerar ambiências conversacionais



Fonte: Instagram e Facebook da SAE

Nas publicações que tratavam de temas relacionados à zoologia, os usos dos memes variaram: em algumas postagens ele era acompanhado de um texto com conhecimentos zoológicos sobre a espécie em questão e uma pergunta disparadora; em outras o meme era associado a uma pergunta disparadora apenas (Figura 6).

Figura 6 - Publicação de memes com ou sem informações sobre a espécie



Fonte: Facebook e Instagram da SAE

Entretanto, em ambos os casos, a intencionalidade era gerar o compartilhamento de múltiplos conhecimentos sobre as espécies para que pudéssemos popularizar os conhecimentos científicos produzidos até então sobre as mesmas.

O uso de memes nas ações de EMO não se reduziu às redes sociais. Durante duas atividades de mediação realizadas pelos educadores da SAE nas exposições geograficamente localizadas do Museu Nacional, os participantes (cursistas do projeto de extensão “Clube de Jovens Cientistas” da SAE e professores de diferentes estados e em atividade de formação continuada do SESC - foram convidados, ao final da visita, a criar memes a partir de seus encontros com os objetos das exposições (Figura 7).

Figura 7 - Memes criados pelos participantes de atividades mediadas



Fonte: SAE

Nestas duas oportunidades, os participantes puderam visualizar e comentar a produção memética dos outros integrantes do grupo a partir de suas impressões e experiências na/com as visitas.

Os memes criados nos ajudam a compreender como os seus autores significam a experiência da visita e a relação com o objeto a partir de uma produção de *'conhecimentossignificações'* que reflete as experiências cotidianas, seus contextos sociais, políticos e históricos, vivenciadas pelos seus, nos auxiliando, dessa forma, refletir sobre o contexto da Educação Museal na cibercultura e a relação entre ciência e sociedade (MARTI; COSTA; MIRANDA, 2019).

Lives

Apesar de ter se tornado um dos mais populares meios de comunicação com os públicos de museus após o surgimento da pandemia, as *lives* já vinham

sendo utilizadas pela SAE desde 2018. De acordo com Santos, E. (2021, s.p) “Live é toda transmissão de conteúdos e situações do presencial via audiovisualidades online”.

Lives são transmissões síncronas de conteúdo em forma vídeo *online*. Esses vídeos se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e ou coletivos. Muitas vezes, com interação direta em diferentes plataformas e redes sociais ou em convergências com outras interfaces de textos, a exemplo dos *chats* (salas de bate-papo). (SANTOS, E., 2020, s.p)

Para Santos, Fernandes e York (2020, s.p), “o formato das lives extrapola o da comunicação entre pares, pois pode atingir diferentes públicos em razão da comunicação didática de conteúdos científicos em formato de vídeo para audiência síncrona e assíncrona”. As autoras compreendem as *lives* como espaços multirreferenciais na cibercultura que forjam “ambiências formativas e de aprendizagens em rede no ciberespaço”, se instituindo também como campos de pesquisa.

A comunicação síncrona (ao vivo) é a marca das lives. Entretanto, sua potência de comunicação também é assíncrona (acesso em diferentes tempos), uma vez que as lives podem ser gravadas (*record*) e disponibilizadas no ciberespaço em diferentes plataformas (KJUS, 2018). A gravação da live a transforma em um “artefato curricular” e ou cultural em potência, ou seja, podemos reutilizá-las em nossas aulas, atividades formativas ou para uso privado e autoestudo. (SANTOS, FERNANDES, YORK, 2020, s.p)

As *lives* da SAE compreendiam a transmissão, pelo Facebook, de eventos organizados pelo setor e ações de mediação museal online realizadas nas exposições e/ou nos laboratórios de pesquisa do Museu Nacional (Figura 8). Os temas das *lives* de mediação museal online nos espaços expositivos do museu eram escolhidos pelos praticantes seguidores por meio de enquetes publicadas nas redes sociais do setor.

Figura 8 - Exemplos de tipos de lives realizadas pela SAE: evento, espaço expositivo e laboratórios de pesquisa



Fonte: Facebook da SAE

Esta prática de Educação Museal Online síncrona demonstrou ser uma importante atividade para fomentar a participação ativa dos praticantes seguidores, forjar ambiências conversacionais síncronas e assíncronas, estreitar os vínculos afetivos entre os praticantes seguidores e os educadores museais, assim como possibilitar o acesso destes a áreas do museu não abertas à visitação pública, como por exemplo o Laboratório de Aracnologia do Museu Nacional e o Jardim das Princesas. A participação síncrona e assíncrona dos praticantes seguidores, por meio de comentários, nos revelou também um outro caminho promissor para possibilitar o acesso de públicos diversos às ações educativas de mediação museal da SAE, que até então só ocorriam de forma geograficamente localizada.

As lives da SAE, portanto, se configuram como importantes práticas de Educação Museal Online que se materializam em conteúdos científicos e ‘*espaçostempos*’ de aprendizagem em rede acessíveis, síncrona e assincronamente, a públicos diversos.

Vídeo-pergunta

Após o trágico incêndio do Museu Nacional no dia 02 de setembro de 2018, o uso de seus objetos e exposições para forjar ambiências conversacionais nas redes da SAE precisou ser repensado. Desejávamos continuar a lançar mão de práticas de Educação Museal Online com a intencionalidade de acionar conversas voltadas

à popularização das ciências ‘*praticadaspensadas*’ no/com o Museu Nacional, conforme iniciado antes do incêndio, mas não dispúnhamos mais dos objetos e exposições do museu para tal.

Foi por esse motivo que, no acaso das conversas e perguntas que emergiam durante a ação extramuros da SAE com os visitantes da Quinta da Boa Vista, realizada no domingo seguinte ao incêndio, surgiu a ideia de criar microvídeos desses/com esses visitantes fazendo uma pergunta relacionada a alguma curiosidade sobre o museu.

Segundo Souza (2017, p. 64), “o microvídeo é um gênero de cibervídeo⁷ produzido com o intuito de ter curta duração. Está dentro do conceito de microconteúdos enquanto objetos de aprendizagem”. A autora destaca que o microvídeo pode assumir objetivos pedagógicos diversos, como por exemplo, “introduzir, desenvolver ou concluir um assunto, motivar a pesquisa, estimular a produção pelos alunos em projetos diversos” (SOUZA, 2017, p. 66-67).

O objetivo da criação do microvídeo, nomeado de vídeo-pergunta, era que ele se tornasse um disparador de conversas e que estimulasse a produção coletiva de conhecimentos entre os seguidores e educadores museais da SAE, assim como entre os professores-pesquisadores, estudantes e demais servidores do museu que desejassem participar.

Neste dia de mediação museal extramuros da SAE foi possível gravar quatro vídeos-pergunta criados em coautoria com o(a)s praticantes Isabela, Mayara, Giovana e Jorge que estavam passeando na Quinta da Boa Vista (Figura 9). Os vídeos-pergunta foram publicados semanalmente nas redes do setor e engendraram algumas conversas entre os seguidores, educadores da SAE, alunos de pós-graduação e professores-pesquisadores do Museu Nacional.

⁷ Vídeos produzidos na cibercultura.

Figura 9 - Exemplos de publicações com vídeos-pergunta de Isabela e Mayara



Fonte: Facebook da SAE

Essa prática de Educação Museal Online não só coloca na centralidade a seleção do tema da ação educativa pelos praticantes, como também possibilita a participação ativa dos mesmos em sua criação. O praticante é coautor da ação educativa e da produção coletiva de conhecimentos que pode emergir da mesma. Desta forma, os discursos e domínios de conceitos próprios do museu, considerados por Pinto (2015) como uma das barreiras de acesso a esses ‘*espaçostempos*’, são deslocados, possibilitando a emergência de discursos e conceitos outros e um estreitamento de laços afetivos com os públicos e os públicos não habituais de museus.

A interatividade é um fundamento essencial da cibercultura e educar no contexto sociotécnico contemporâneo pressupõe a emergência de ações de interatividade, em que tanto o emissor quanto os receptores participam ativamente da construção da mensagem.

Considerando o binômio permutabilidade-potencialidade, um dos três binômios que sustentam a noção de interatividade proposta por Silva (2012), lançamos mão de uma nova prática de Educação Museal Online nas redes da SAE: o compartilhamento de matérias de divulgação científica, pois a interatividade também pressupõe “conexões em teias abertas”, ou seja, a disponibilização de caminhos hipertextuais à escolha do praticante seguidor.

O binômio permutabilidade-potencialidade diz respeito à comunicação reticular, hipertextual, ou seja, a possibilidade de navegação/exploração de múltiplas fontes, caminhos, trocas, associações e significações potencializadas pelas características tecnológicas do digital em rede que

permite não só o armazenamento de grande quantidade de informações, mas também ampla liberdade para combiná-las (permutabilidade) e produzir narrativas possíveis (potencialidade). Permite ao usuário a autoria de suas ações. Dependendo do que ele fizer acontecer, novos eventos ou combinações podem ser desencadeados. E quanto mais ele percorre o aleatório, mais encontra-se à disposição do acaso que o convida a mais combinações, a novos percursos (SILVA, 2012, p. 159)

Portanto, compartilhar os links de tais matérias jornalísticas de divulgação e popularização da ciência no Facebook da SAE se tornaria um passo inicial à oferta de “múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de troca, associações e significações” (SILVA, 2003, p. 56), que poderiam gerar conversas e produção coletiva de conhecimentos sobre os temas disponibilizados.

Além de conversas, o dispositivo também proporcionou um aumento considerável no alcance da página, chegando, como mostra a figura 9, a ultrapassar quarenta mil telas e gerando, desde o início das ações educativas

museais online em 2018, muitos compartilhamentos e praticantes seguidores marcando outras pessoas na publicação.

Figura 10 - Compartilhamento de Matérias de Divulgação Científica no Facebook da SAE



Fonte: Facebook da SAE

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: O QUE APRENDEMOS ATÉ AGORA?

A pandemia desvelou os desafios e a difícil realidade enfrentada pelos profissionais da Educação Museal no Brasil e no resto do mundo. Com o fechamento dos museus, muitos dos seus profissionais se viram diante de demandas de uso do digital em rede para dar continuidade às suas atribuições profissionais e manter a comunicação com os públicos e públicos não usuais de museus. Este contexto que irrompe a partir da pandemia e que se apresentou como novidades e campo de incertezas para muitos educadores museais, revela a necessidade de debates e de compreensão acerca do cenário sociotécnico, comunicacional e educacional contemporâneo em que os museus estão inseridos.

A SAE, desde 2018, vem lançando mão de suas redes sociais digitais como novos/outros 'espaçostempos' de Educação Museal na/com a cibercultura, o que ajudou a forjar a noção e abordagem didático-pedagógica da Educação Museal Online, tema de pesquisa de doutorado em Educação defendida em abril de 2021 junto ao PROPED/UERJ.

Compreendendo os museus como redes educativas e espaços multirreferenciais de aprendizagem atravessados por múltiplos 'conhecimentossignificações' tecidos em rede, as práticas de EMO aqui narradas

tiveram como centralidade fomentar a participação ativa dos praticantes seguidores das/nas redes da SAE. Nestas práticas, a variedade de usos de diferentes linguagens, mídias e formatos característicos da cibercultura evidenciou as potencialidades comunicacionais das TDR como meio para acionar a participação ativa dos praticantes seguidores em ambiências conversacionais interativas que geraram o compartilhamento de emoções, a partilha e a produção coletiva e coautoral de *'conhecimentossignificações'* em rede.

O presente artigo objetivou compartilhar algumas experiências pré-pandêmicas com o *'fazerpensar'* ações educativas museais online no/com o Facebook e Instagram, entendendo que as mesmas poderiam oferecer contribuições para a formação de educadores museais no que tange à compreensão sobre o contexto sociotécnico contemporâneo e sua relação com a Educação Museal. As práticas aqui narradas e discutidas representam o alinhamento dos *'fazeressaberes'* da Educação Museal ao contexto sociotécnico e comunicacional contemporâneo, isto é, à cibercultura. Estas podem não só inspirar novas/outras práticas educativas museais online durante e pós-pandemia, contribuindo, desta forma, para a formação crítica e integral do indivíduo para além dos muros e chãos geograficamente localizados dos museus, como também pode representar/apresentar um novo campo de atuação profissional para os educadores museais, uma vez que o contexto pandêmico gerou muitas demissões e cancelamentos de contratos destes profissionais no Brasil e no mundo, evidenciando uma compreensão hegemônica sobre a atuação do educador vinculada apenas ao *'chão do museu'* e/ou a atividades geograficamente localizadas.

O digital em rede e seus muitos *'espaçostempos'* se revelam, portanto, como uma nova/outra área de atuação dos/para os educadores museais, tornando o contexto sociotécnico, comunicacional e educacional contemporâneo um importante tema da/na/para formação destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 26-38.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ALVES, Nilda; ARANTES, Erika; CALDAS, Alessandra Nunes; ROSA, Rebeca Silva; MACHADO, Isabel. Questões curriculares e a possibilidade de sua discussão em cineclubes com professores: a questão religiosa na escola pública. *Visualidades*, v.14, n.1, p. 18-37, jan/jun, 2016.

ALVES, Nilda. *Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim. (org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BRUNO, Adriana Rocha. *A Linguagem Emocional em Ambientes Telemáticos: Tecendo a Razão e a Emoção na Formação de Educadores*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CECA BR; REM BR. *Carta Aberta aos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de COVID-19 na educação museal no Brasil*. ICOM Brasil, 2020. Disponível em: <http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2020.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 22ª ed., 2014.

COSTA, Andréa Fernandes. Breve Histórico da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional: da institucionalização aos dias atuais. In: COSTA, Andréa Fernandes; RANGEL, Aparecida Marina; CASTRO, Fernanda; MENDES, Isabel Aparecida; HENZE, Maria Esther Valente e SOARES, Ozias de Jesus (Orgs.). O

lugar da educação no museu: Museu de Ideias, [edição 2017]. Rio de Janeiro: Museus Castro Maya, 2018.

COSTA, Andréa Fernandes; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Mila e SOARES, Ozias. *Educação Museal*. In: Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 69ª ed., 2019.

IBERMUSEUS. *O que os museus necessitam em tempos de distanciamento físico. Resultados da pesquisa sobre o impacto do COVID-19 nos museus ibero-americanos*. Relatório de impacto da pandemia e repositório COVID-19 para os museus, julho, 2020. Disponível em: <<http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/07/informecovid-vf.pdf>> Acesso: 28 agosto 2020.

ICOM. *Museums, museum professionals and COVID-19: survey results*. ICOM, COVID-19, maio 2020a. Disponível em: <<https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/05/Report-Museums-and-COVID-19.pdf>>. Acesso em: 28 agosto 2020.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. *Portaria IBRAM N° 605, de 10 de agosto de 2021 n° 422 de 30 de novembro de 2017*. Brasília: Ibram, 2021. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-ibram-n-605-de-10-de-agosto-de-2021-338090192>>.

KJUS, Yngvar. *Live and Recorded. Music Experience in the Digital Millennium*. Palgrave Macmillan, 2018.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARANDINO, Martha; COSTA, Andréa Fernandes. *Educação Museal na Pandemia: articulações frente aos desafios atuais*. Publicação online, 2020. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/educacao-museal-na-pandemia-articulacoes-frente-aos-desafios-atuais/>> Acesso em: 24 jul. 2021.

MARTI, Frieda. Educação Museal e Cibercultura. In: CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias e COSTA, Andréa (org). *Educação Museal: conceitos, história e políticas*, vol. V. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=75932>>.

MARTI, Frieda Maria. *A Educação Museal Online: uma ciberpesquisa-formação na/com a seção de assistência ao ensino (SAE) do Museu Nacional-UFRJ*. Tese

(Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2021, 298f.

MARTI, Frieda; COSTA, Andréa; MIRANDA, Aline. *Educação Museal na Cibercultura: o Uso de Memes no Projeto “Clube de Jovens Cientistas” da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ*. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 90-110, maio-ago, 2019.

MARTI, Frieda; COSTA, Andréa. *Revisitando os Museus na Pandemia: sobre Educação Museal Online e Cibercultura*. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, maio de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107>>. Acesso em: 25 ago 2021.

MÖRSCH, Carmen; GRAHAM, Janna. *Open Letter to Museums and Galleries in support of education and other essential workers*. Google Docs, 2020. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/11z1wwu3meYdLeYozGI_OCzoExpK-DiH0DmkrXn5qr4/viewform?edit_requested=true. Acesso em: 02 setembro 2021.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagens na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

PINTO, Julia Rocha. Favor (Não) Entrar! Impedimentos no Acesso aos Museus. *Educação, Artes e Inclusão* v. 11, n. 2, 2015.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (orgs). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Portugal: Whitebooks, 200p, 2014.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019. E-book. Disponível em: <http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf>

SANTOS, Edméa. *Formação de professores e pesquisadores no contexto de pandemia: possibilidades e limites*. Webconferência, 23.09.2020. FEUFF. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hdR3PED0kAY>> Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, Edméa. *O ensino híbrido como “a bola da vez”: Vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia?* Notícias, Revista Docência e

Cibercultura, junho de 2021, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1289>>. Acesso em: 02 set. 2021.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Teresinha; e YORK, Sara Wagner. *Ciberfeminismo em tempos de pandemia Covid-19: lives (trans)feministas*. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1123>>. Acesso em: 02 set 2021.

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra R. F., CARVALHO, Felipe S.P. Educação Online: aprenderensinar em rede. In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (Org.). *Informática na Educação: cultura, sociedade, histórias e políticas*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019. (Série Informática na Educação, v.1) Disponível em: <<https://ieducacao.ceiebr.org//educacaoonline/>>. Acesso em: 05 ago 2019.

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, Marco. *Educação Online*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, Vivian Martins Lopes de. *Os cibervídeos na educação online: uma pesquisa-formação na cibercultura*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2017.

TOLENTINO, Átila Bezerra; CASTRO, Fernanda. Encruzilhadas entre a Educação Patrimonial e Museal: Histórico, Interfaces e Conexões. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURCINO, Alan. (coord.) *Museologia e Património* vol 3, Leira: Instituto Politécnico de Leira, 2020. Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/eseccs/wpcontent/uploads/sites/15/2020/11/Livro_Volume3_Museologia_Patrimonio1.pdf>.

UNESCO. *Museums around the World in the face of COVID-19*. UNESDOC Digital Library, maio 2020. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530/PDF/373530eng.pdf.multi>>. Acesso em: 28 agosto 2020.